



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Jornal Haaretz, Jornal The Marker e Agência ANBA
Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 09 de março de 2010**

Jornalista: Obrigado, Presidente, pela entrevista. O senhor pode ter ouvido muito sobre sua política sobre o Irã. Mas será que o senhor consegue entender o psiquê, a psicologia israelense quanto à sua segurança? E a própria existência de Israel, com relação a esse trauma do Holocausto? Eu pergunto: como é que o senhor acha que pode convencer os israelenses de que o senhor está com a razão? E que tipo de relações especiais o senhor poderia oferecer para eles, os israelenses? Questões específicas, não só garantias gerais, ou seja, não só essa responsabilidade vaga pela segurança, que a gente ouve da boca de outros líderes.

Presidente: Eu penso que não é simples e nem fácil convencer o povo israelense sobre o Irã, como também não é fácil e não é simples tratar a questão da paz no Oriente Médio, envolvendo outros países. Possivelmente, se fosse simples, nós já teríamos encontrado soluções.

Entretanto, acho que nós que somos dirigentes políticos e governantes e que presidimos um país que tem uma história de paz, uma história forte de convivência democrática na diversidade, nós precisamos acreditar que sempre é possível surgir uma razão ou um argumento novo para que a gente possa desfazer os erros do passado e construir algo novo para o presente. Por exemplo, eu tenho conversado com os presidentes dos principais países do mundo, sobretudo aqueles que fazem parte do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre a questão do Irã. Já conversei sobre isso com os americanos, com os franceses, com os ingleses, com os russos, com os chineses... Eu sinto que todos desejam construir um processo de paz no



O Oriente Médio. Mas eu sinto, também, que os interlocutores já estão um pouco desgastados nessa negociação. E, de vez em quando, eu fico me perguntando se não é necessário encontrar outros interlocutores para que, junto com os atuais, se possa construir novas razões, novos argumentos. E aí, os interlocutores precisam transitar em toda a esfera conflitiva do Oriente Médio, estabelecer quem conversa com quem dentro de Israel, na Palestina, no Irã, na Síria, na Jordânia, no Catar e em tantos outros países que têm a ver com o conflito no Oriente Médio, para que a comunidade internacional possa oferecer uma oportunidade a palestinos e israelenses de negociar a paz. E, ao mesmo tempo, afirmar ao Irã que nós somos contra a construção de bomba nuclear. O Brasil assinou o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. O Brasil tem, na sua Constituição, a proibição da construção de bomba nuclear. Só utilizaremos o enriquecimento de urânio para produção de energia ou para a indústria farmacêutica.

Pois bem, é preciso, e eu já tive a oportunidade de discutir com o Irã, ou seja, o Irã não pode continuar falando que vai destruir o Estado de Israel. Da mesma forma que disse ao presidente Ahmadinejad que é inconcebível negar o Holocausto: ele existiu, está incrustado na mente da Humanidade, e o fato de você ter divergência com o Estado de Israel não precisa te levar a negar a história ou a desconhecer a história.

Bem, tudo isso nós sabemos que existe, e eu acho que nós precisamos agora começar a construir o que ainda não existe. Não é deixar de discutir o passado, os conflitos e a história, ou seja, é começar a discutir o que a gente pode discutir a partir de agora para construir a paz. A minha tese é que a gente não pode permitir que aconteça no Irã o que aconteceu no Iraque. E que antes de qualquer sanção, a gente faça todo o esforço possível para que a gente reconstrua a possibilidade de paz no Oriente Médio. Daí porque a minha visita a Israel, à Palestina e à Jordânia, e daí porque a minha visita ao Irã, no mês de maio. Eu sou um homem que nasci na política no diálogo, cheguei à



Presidência do meu país dialogando, exerci o meu mandato dialogando, e eu acredito que através do diálogo nós poderemos resolver todos os conflitos que parecem insolúveis no dia de hoje. Quando eu digo que é preciso envolver mais interlocutores é porque o conflito no Oriente Médio não é um problema de conflitos bilaterais e tampouco a solução será encontrada da forma que tentou-se nesses últimos anos. Houve um momento em que eu acreditei mais na paz no Oriente Médio. Se não me falha a memória, Marco Aurélio, em [19]93, em [19]93 nós fomos a Túnis, encontramos com o Arafat, depois fomos a Israel, conversamos com Shimon Peres, conversamos com o primeiro-ministro Rabin. Naquele tempo eu achava que a paz estava mais próxima, as pessoas tinham mais desenvoltura para discutir o tema. De lá para cá, muita gente já ganhou o Prêmio Nobel da Paz, muitas fotografias já foram tiradas, muitos abraços já foram dados e a cada dia está mais difícil. Porque o problema não é Israel e Palestina, o problema é saber os outros interesses no Oriente Médio que precisam estar na mesa para que a gente possa encontrar a solução. E como o Irã faz parte disso, eu acho que é necessário alguém conversar com o Irã.

Jornalista: Presidente, nesta mesma linha, o senhor falou da necessidade de novos interlocutores e o Brasil vem se propondo, há algum tempo, como alternativa. O que exatamente o Brasil pode oferecer? O que senhor vai dizer para esses líderes agora nessa viagem? Qual é exatamente a proposta do Brasil em termos de saídas, aí, que novas soluções o Brasil poderia apresentar e qual é a receptividade desses líderes com relação à ideia do Brasil ter um papel mais forte?

Presidente: Olha, ainda, ainda que eu tivesse uma proposta, eu não poderia apresentá-la, porque ninguém me deu procuração para negociar em nome de ninguém. E necessariamente, o Brasil não precisa estar na negociação. Eu acho que o Brasil tem um papel importante porque nós somos um país de



índole pacífica, porque aqui 150 mil judeus talvez vivam o maior processo de harmonia com 10 milhões de árabes. E acho que o exemplo do Brasil, ser o maior país da América Latina, um continente que não tem armas nucleares, um continente em que o máximo de divergência que existe, o máximo de atrito, é verbal, eu penso que teria alguns ensinamentos a oferecer a quem vive num conflito como o Oriente Médio. Nós participamos da primeira reunião de Annapolis. Imaginávamos que fosse ter a segunda, em Moscou. Até hoje não aconteceu.

Então, de vez em quando eu vou dormir com uma dúvida. Veja, eu sei do sofrimento do povo israelense e do povo palestino; eu sei da marca que cada família carrega na sua consciência e na sua alma, dos ferimentos e da perda de parentes. Mas eu fico sempre com uma inquietação: quem, realmente, quer paz no Oriente Médio? A quem interessa a paz e a quem interessa o conflito? Porque se nós não detectarmos isso e não colocarmos todos em volta de uma mesa, a possibilidade de fazer acordo é inócua. Há sempre alguém agindo como se fosse um inimigo oculto que, sem que a gente saiba, não permite que haja acordo. Como eu acho que o povo do Oriente Médio, o povo judeu e o povo palestino sonham em viver em paz. E também sei que não é uma coisa fácil, porque não basta uma decisão; depois da decisão tem que construir uma cultura de paz no continente. E é por isso que eu tenho dito: a ONU, se tivesse a força que precisam ter as Nações Unidas, poderia ser a grande articuladora do processo de paz no Oriente Médio. E do jeito que ela está hoje ela não consegue, porque a representação no Conselho de Segurança já não é... já não representa a geopolítica do século XXI. Grandes países estão fora e, portanto, nós estamos com uma representação política da Segunda Guerra Mundial, que não representa a força econômica e a força política de 2010. Ou os dirigentes compreendem isso, ou nós vamos ver a falência das instituições multilaterais, o que seria um desastre para a paz mundial.



Jornalista: E qual é esse... Quando eu perguntei da proposta, eu não falei do conteúdo (incompreensível) em relação ao processo. Qual é...

Presidente: Veja, todo mundo...

Jornalista: Qual é a aceitação que há...

Presidente: Não sei, veja, não sei.

Jornalista: ...entre os líderes daquela região em relação ao modelo (incompreensível)?

Presidente: Eu, recentemente, recentemente conversei com o presidente Shimon Peres; conversei com o presidente da Autoridade Palestina, presidente Abbas, e todos eles concordam que é preciso acontecer alguma coisa nova. Agora, é para isso que a gente tem que continuar conversando. E como eu acredito nisso – e tenho mais um ano de mandato –, eu vou tentar trabalhar para ver se arejamos a discussão.

Jornalista: Senhor Presidente...

Presidente: Você está conseguindo escrever tudo?

Jornalista: Estou tentando. O senhor está desafiando a agenda exterior dos Estados Unidos? O senhor está vendo evidências de uma fraqueza da presença norte-americana no mundo inteiro e no Oriente Médio em particular, eles estão mais fracos?

_____ : Ele quer agregar, complementar isso.



Jornalista: O fato que o senhor criou recentemente um novo grupo de países latino-americanos com Cuba e sem Estados Unidos, isso também se relaciona com as fraquezas, as debilidades dos norte-americanos? Será uma das razões por que o senhor está tão ativo no cenário internacional?

Presidente: Olhe, primeiro, o Brasil tem uma relação muito forte com os Estados Unidos. Os Estados Unidos têm sido um parceiro estratégico do Brasil. Entretanto, quando se trata da soberania de um país e das suas relações bilaterais ou regionais, cada um de nós constrói aquilo de acordo com as necessidades do país.

Em 2003, eu tinha apenas 25 dias de governo, fui a Davos e, na volta, nós decidimos que iríamos mudar a geografia comercial do mundo, que era preciso diversificar as relações do Brasil e que nós não poderíamos ficar dependendo apenas da relação com os Estados Unidos e com a União Europeia, que era preciso crescer no mundo árabe, no mundo asiático, na América Latina e na África, e fizemos uma forte atividade política nesses continentes. Os Estados Unidos e a União Europeia, que representavam, cada um, por volta de 28% a 30% da balança comercial brasileira, embora tenha crescido 20% em média desde que eu tomei posse, representam hoje apenas 13%, porque nós crescemos em todos os continentes.

Quando nós criamos o G-5, o G-4, o Ibas... Os Brics não fomos nós que criamos. Foi um economista famoso aí que criou os Brics, não fomos nós. Quando nós criamos a Unasul... Quando nós, agora, criamos o grupo América Latina-Caribe, veja, em 200 anos de independência, é a primeira vez que a América Latina se reúne sozinha, sem nenhum país europeu, sem a América do Norte e sem o Canadá. Não, não, o Fórum do Mercosul, que é um fórum eminentemente comercial. O dado concreto é que nós estamos procurando os mecanismos de fortalecimento das nossas economias e das nossas relações,



tentando tirar proveito da proximidade e da similaridade existente entre nós. E isso não cria nenhum problema com os Estados Unidos. Pelo contrário, quando tivemos a primeira reunião em Trinidad e Tobago, logo depois da posse do presidente Obama, eu disse ao presidente Obama que era necessário que ele tivesse um olhar mais otimista para a América Latina. Fizemos uma reunião com todos os países da América do Sul, com o Obama. Foi uma reunião extraordinária, e depois não aconteceu mais nada.

Então nós, definitivamente, não queremos confrontação com os Estados Unidos, como não queremos confrontação com o Uruguai. Não queremos confrontação com a Europa, como também não queremos com o Paraguai ou com a Bolívia. O que nós queremos é exercitar, de forma soberana, as coisas que nós entendemos que vão fazer bem para o Brasil.

Jornalista: Me perdoe voltar ao tema do Irã, mas alguns acreditam que Israel perdeu sua paciência e está a ponto de atacar o Irã. Isso pode deteriorar as nossas relações bilaterais, Israel-Brasil? E se for deteriorar, de que jeito seria isso?

Presidente: Veja, eu não penso, em hipótese alguma, que haja qualquer deterioração entre Brasil e Israel. Nós aqui no Brasil prezamos muito, não apenas o resultado financeiro da balança comercial, mas prezamos muito mais o relacionamento harmônico que existe entre o povo brasileiro e a comunidade judaica, da mesma forma que prezamos muito a harmonia entre o povo brasileiro e a comunidade árabe. Veja, nós precisamos trabalhar, urgentemente, para acabar com as tensões. Eu tenho conversado com alguns líderes e eles têm dito: “Precisamos fazer alguma coisa rápido porque senão Israel pode atacar o Irã”. Ora, eu não quero que Israel ataque o Irã e não quero que o Irã ataque Israel. Esse deveria ser o comportamento do mundo hoje. O que eu acho é que as pessoas desaprenderam a conversar. Eu acho que tem



determinadas conversas, que eu acompanho pela imprensa, que são feitas com os interlocutores de terceiro escalão, de quarto escalão. Eu acho que em algum momento era preciso chamar os “capas pretas” de cada país e colocar em uma sala, dentro das Nações Unidas, e discutir com mais objetividade, com mais seriedade.

Eu, hoje, tenho experiência das negociações feitas no segundo e terceiro escalão. Elas são muito importantes, mas não tem 1% da importância do que se os líderes se sentarem em torno de uma mesa e tiverem uma conversa olho no olho. Eu acho que falta isso. Veja, política é essencialmente contato, as pessoas precisam se olhar, se sentir, um olhar no olho do outro, e não ficar conversando por representantes de terceiro ou de quarto escalão.

Então, eu acho que as Nações Unidas, se voltar a ter representatividade, ela pode ajudar muito no processo de paz do Oriente Médio. Alguém que tenha neutralidade para falar a verdade para israelenses, para falar a verdade para palestinos, para iranianos, para os sírios, e para quem quiser ouvir a verdade. Eu, sinceramente, acho que falta um pouco disso nos organismos multilaterais.

Vamos ver o que aconteceu em Honduras. A OEA tomou uma decisão unânime condenando o golpe. E o que aconteceu? Nada! Os golpistas ficaram até terminar o mandato do presidente democraticamente eleito, ou seja, em um total desrespeito ao fórum multilateral mais importante, que era a OEA. Então, meus companheiros, o mundo está carente de governança global. O mundo não aceita a supremacia de uma nação sobre a outra. O mundo quer e exige instituições multilaterais que decidam e cumpram. Fora disso, a paz será muito mais difícil. A omissão não é o melhor instrumento de negociação.

Jornalista: Quero fazer umas perguntas sobre a área econômica. Durante a última crise econômica, o Brasil criticou os líderes dos Estados Unidos e da Inglaterra por sua falta de... por sua irresponsabilidade ou sua responsabilidade no colapso de todos os mercados de crédito. A pergunta é: “Por quê?”. Eles



são realmente... essas autoridades dos Estados Unidos e da Inglaterra realmente são as responsáveis pelo colapso do sistema de crédito?

Presidente: Eu acho que tem muitos especialistas que poderiam dar uma resposta mais certa do que a minha. O que eu sinto, na verdade, é que a dúvida e a falta de sintonia criada entre o governo Bush, que estava para sair, e o governo Obama, que estava para entrar, não permitiu que eles enxergassem a necessidade de evitar o colapso do *Lehman Brothers*, por exemplo. Certamente, com 10% do dinheiro gasto no sistema financeiro depois da crise seria possível ter evitado o colapso do crédito. Bem, quando isso aconteceu foi uma coisa incrível porque o Brasil, que não tinha nada a ver com a crise, ou seja, o crédito brasileiro também desapareceu. Empresas importantes brasileiras, como a Petrobras, não conseguiam mais um dólar no mercado internacional.

Então, o que nós fizemos aqui no Brasil? Nós fortalecemos os bancos públicos brasileiros. Nós temos três instituições muito fortes: o Banco Nacional de Desenvolvimento, que cuida de investimento na indústria e na infraestrutura; a Caixa Econômica Federal, que é um banco que cuida da poupança e investe em habitação, financia habitação; e o Banco do Brasil, que é o maior banco brasileiro, hoje o maior da América Latina, que financia a agricultura e pequenas e médias empresas.

Então, nós tomamos todas as medidas para que esses bancos fomentassem o crédito, já que os bancos privados estavam seletivos e não emprestavam mais dinheiro. Nós compramos bancos e por isso é que sofremos menos do que o chamado mundo desenvolvido. Eu penso que tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, eles demoraram a ter dimensão do tamanho da crise, e se perderam 7 milhões de empregos na Europa, se perdeu igual número nos Estados Unidos. E aqui no Brasil, no principal ano da crise, nós criamos 950 mil empregos novos. E neste ano estamos pensando em criar



mais de 2 milhões de empregos novos. E eu espero que o mundo desenvolvido tome as atitudes necessárias para restabelecer o crédito e o crescimento econômico.

Jornalista: Já que não temos muito tempo, vou fazer duas perguntas em uma. Na questão de libertar os nossos soldados prisioneiros do Hamas, isso, em nível bilateral, se o senhor pudesse conseguir isso, o senhor viraria um super-herói em Israel. O senhor tentaria se envolver nessa tragédia? E se for se envolver, de que maneira?

E, finalmente – tenho que pedir desculpas, mas... – o senhor vai receber essa pergunta mil vezes em Israel e também, as pessoas vão perguntar para o senhor: se o senhor estivesse no poder em 1938/39, o senhor usaria os mesmos métodos que o senhor usa hoje com Ahmadinejad, com o primeiro-ministro Hitler? Essas são as perguntas levantadas por muitas pessoas, inclusive pelo primeiro-ministro Netanyahu.

Presidente: Veja, eu penso que... Primeiro, respondendo à última pergunta. Quem faz uma pergunta dessas, sobre... comparando Hitler ao Ahmadinejad, ao Irã de hoje, está tendo o mesmo comportamento radical que acha que o Irã tem. Então, uma pessoa que age assim não está contribuindo em nada para o processo de paz que queremos construir para o futuro. Não é possível fazer política com ódio e com ressentimento. Quem quiser fazer política com ódio, com ressentimento, saia da política, porque senão será um péssimo governante. Ninguém pode governar um país com o fígado, a gente governa um país com a cabeça e com o coração. Fora disso, é melhor ficar em casa e fazer outra coisa, do que fazer política.

A segunda coisa é que a questão da liberdade dos prisioneiros que estão com o Hamas deve ser um dos itens condicionantes para a construção do processo de paz. Certamente, do outro lado, eles terão também exigências



com relação a Israel. O que é necessário é que os interlocutores que estejam negociando estejam com a alma totalmente limpa, com 100% de neutralidade. O único compromisso desses interlocutores é com a paz, e não com a discussão da história do passado. E não pode ter uma simpatia por esse ou por aquele.

Eu vou lhe contar um exemplo: eu tinha 21 dias de governo quando teve um atrito muito forte entre a Venezuela e os Estados Unidos. Eu estava em Quito, na posse de um presidente equatoriano, quando em uma conversa com o presidente Chávez eu propus criar um Grupo de Amigos da Venezuela, para resolver o problema do conflito. Indiquei, no Grupo de Amigos, os Estados Unidos, indiquei a Espanha, que foi o primeiro país a reconhecer o golpe dado no Chávez. Algumas pessoas passaram a dizer que eu era louco, que eu estava entregando a Venezuela aos Estados Unidos, porque os Estados Unidos eram inimigos da Venezuela. O que nós dissemos? Eu não estou criando um grupo de amigos do Chávez, eu estou criando um grupo de amigos da Venezuela. E, portanto, [entre] esses amigos têm que ter gente em que o governo acredita, mas deve ter gente em que a oposição acredita. Então, os Estados Unidos representavam a oposição, a Espanha representava oposição. O Brasil e quem, Marco Aurélio? E... tinha mais um... Bem, e nós, que tínhamos a confiança do governo, nós construímos um processo de discussão política que permitiu convocar a eleição na Venezuela, e as coisas passaram a funcionar com muito mais facilidade. Então, os negociadores, eles têm que se sentar à mesa com neutralidade, com um único compromisso. Se fosse o caso, fazer juramento em cima da Bíblia sagrada e também do Corão, de que eles não teriam um outro pensamento a não ser a paz. É, na minha opinião, a grande possibilidade que nós temos. Então, eu acho que, veja, eu tenho um brasileiro condenado à morte na Indonésia, por tráfico de drogas em uma prancha. Eu já falei com o Presidente da Indonésia duas vezes. Recentemente, mandei uma carta para ele pedindo clemência pelo brasileiro. Eu não sei o que



vai acontecer. Mas tudo o que eu puder fazer que possa construir sinais de paz entre Israel e palestinos e no Oriente Médio, eu farei.

Jornalista: O senhor mencionou a Venezuela que nacionalizou algumas empresas privadas, e também falou da intervenção, pelo governo do Brasil, durante a crise do crédito. Onde fica a linha entre intervenção estatal e o mercado livre competitivo?

Presidente: Não é correta a palavra “intervenção” do Estado brasileiro na crise. A responsabilidade de um governo é não permitir que o seu país sofra por atos de irresponsabilidade praticados por terceiros. Primeiro, é preciso ter em conta que o Brasil tem um sistema financeiro mais regulado que o mundo desenvolvido. Muito mais. Segundo, o governo brasileiro tomou atitudes para salvar a economia brasileira, porque o mercado não funcionou. E a nossa tese é muito clara: o sistema financeiro deve existir para financiar o setor produtivo dos países. Quem quiser ganhar dinheiro tem que construir alguma coisa. As pessoas não podem ganhar dinheiro às custas da especulação. Então, o governo brasileiro agiu como todos os governantes deveriam ter agido, e o resultado foi extraordinário. Espero que o FMI tenha aprendido, que o Banco Mundial tenha aprendido que, muitas vezes, fomentar a produção e o consumo, acreditar no fortalecimento do mercado interno é melhor para os países, do que apenas os ajustes fiscais da década de 90.

Jornalista: Eu queria mudar um pouco de assunto com relação ao conflito. Vai haver uma delegação de empresários que vai acompanhar o senhor nessa viagem (incompreensível) em Israel, Palestina e Jordânia. O que a gente pode esperar em termos comerciais?



Presidente: Olha, toda vez que nós fazemos uma reunião com outro país e levamos empresários... Na verdade, é um processo que eu considero quase que uma garimpagem, ou seja, os empresários brasileiros se reúnem com os empresários de outros países e eles descobrem entre si, chances, oportunidades de negócios, possibilidades de parcerias entre as empresas. O resultado tem sido extraordinário. Então, veja, é a primeira vez, é a primeira vez que vai um conjunto de empresários à Palestina discutir desenvolvimento, parcerias e pesquisar oportunidades. Eu achei isso um fato muito relevante, porque a minha experiência de viajar, sem reuniões empresariais e eu tenho... [em] todas as reuniões eu tenho dito aos meus ministros: vamos levar empresários. Porque, quando eles se encontram e começam a conversar, surge um negócio, daqui a pouco a gente percebe que o Brasil está comprando ou está exportando alguma coisa. Então o objetivo é esse. É desenvolver, ainda mais, a nossa relação com a Palestina, que é muito pequena, do ponto de vista comercial.

Jornalista: Agora, o Mercosul já tem negociado um acordo de comércio com Israel. Havia... início de conversa sobre um acordo, eventualmente, com a Jordânia. E os Palestinos reclamam um pouco sobre esse acordo com Israel porque existem os assentamentos dos israelenses nos territórios palestinos e eles dizem que o Brasil, por exemplo, o Mercosul não deveriam aceitar...

Presidente: Mas isso está previsto no acordo, que a comissão que acompanha o acordo não permitirá a entrada de produtos produzidos em território palestino.

Jornalista: Agora, existe, do ponto de vista institucional... existe, por exemplo, possibilidade e interesse do Brasil em ter algum tipo de acordo com a Palestina?



Presidente: Existe possibilidade, não apenas de ter acordo com a Palestina, mas de o Brasil ajudar os palestinos a se desenvolverem, a crescerem, e ver o que é possível o Brasil ajudar a construir lá, como estamos fazendo com muitos países do mundo.

Jornalista: Agora, tem... o senhor tem notícias de que tipo de necessidade que eles teriam, que o Brasil poderia suprir neste momento?

Presidente: Não, veja, nós, nós... Primeiro, temos gente lá estudando isso. Segundo, vai uma equipe na frente para conversar com as pessoas e fazer o levantamento das coisas que a gente pode assinar protocolo de intenções. E, certamente, quando nós chegarmos lá, já estarão os acordos possíveis de serem assinados prontos para assinar. O que é importante é que é a primeira viagem de um chefe de Estado brasileiro à Palestina. Esse é o mais importante. E eu dou muita importância para isso, porque a viagem do presidente da República é o que faz a diferença na relação entre dois povos.

Jornalista: O senhor adotou como política, desde o começo do governo, essa questão da aproximação com os países em desenvolvimento, os Países Árabes, houve um crescimento muito grande do comércio. O senhor vai até receber uma homenagem, dia 25, lá em São Paulo, da Câmara Árabe, da África. Agora, esse é o seu último ano de governo, quer dizer, o que a gente pode esperar? Essa política se mantém com o seu sucessor, principalmente se for da oposição? Por exemplo, o senhor acha que...

Presidente: Olha, eu penso que a política internacional nossa é tão exitosa que eu acho que dificilmente alguém teria coragem de mudá-la. Obviamente que há sempre possibilidade de fazer mais. E se a Dilma ganhar as eleições, certamente ela vai aprimorar tudo o que nós fizemos, e poderá fazer muito



mais. Afinal de contas, ela já vai pegar a política caminhando, numa evolução extraordinária. Ela vai poder, então, fomentar isso. E se for um candidato de oposição, eu acho difícil que eles consigam fazer uma reversão, porque a reversão seria prejudicial ao Brasil.

Mas eu estava te falando aqui, dois assuntos importantes da Palestina no Congresso Nacional: primeiro, a doação do terreno para as instalações da Delegação Palestina em Brasília. Já foi aprovado na Câmara dos Deputados em novembro, e está na pauta da Comissão de Justiça do Senado Federal, em caráter terminativo. Então, este foi aprovado esta semana. Doação de 10 milhões para a reconstrução de Gaza: também já foi aprovado na Câmara e na Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal. Está agora na Comissão de Assuntos Econômicos. A partir daí, vai para o Senado.

Jornalista: Certo.

Presidente: Tudo bem?

Jornalista: Só uma última questão, Presidente, com relação... O senhor falou que até o final do ano o senhor vai tentar fazer o que for possível nessa questão do diálogo do processo de paz, etc. E depois que terminar o seu mandato, o que o senhor pretende fazer?

Presidente: Eu?

Jornalista: É.

Presidente: Não sei. Comer em restaurante árabe (risos). Eu, sinceramente, não estou pensando no que fazer depois, não.



Jornalista: Tem algum interesse, por exemplo, em assumir algum tipo de compromisso...

Presidente: Não, não, eu não quero mais compromisso. Compromisso chega.

Jornalista: É?

Presidente: Não, é que tem muita coisa para fazer. Eu, certamente, tenho muita coisa para fazer dentro do Brasil, fora do Brasil. Mas eu não quero pensar nisso agora não, porque eu ainda tenho alguns meses de governo, e esses são os meses mais delicados porque a cabeça de uma parte do País começa a pensar no processo eleitoral que se dará em outubro. Muita gente que é do governo vai sair para ser candidato. Daqui a pouco, se a gente não cuida direito, o País está pensando nas eleições e o governo fica paralisado. Então, o meu trabalho é fazer com que o País funcione corretamente até o dia 31 de dezembro de 2010, para que no dia seguinte, às 10 horas da manhã, eu possa entregar, a quem de direito, a faixa. Fui bem?

Jornalista: Bem.

(\$31DGJMQ)